

Subjetividade e sujeito ecológico: contribuições da psicologia social para a educação ambiental

Isabel Cristina Moura Carvalho

Neste artigo pretendo articular o conceito de subjetividade e uma de suas possíveis aplicações na análise da sociedade contemporânea. Refiro-me a análise do fenômeno ambiental tomado enquanto problemática social e dentro disto, particularmente a emergência de uma subjetividade ecológica. A compreensão dos rebatimentos psicossociais da problemática ambiental é uma das contribuições que a psicologia social pode oferecer as práticas de educação ambiental e à pesquisa – seja esta em psicologia ou em educação --que busca compreender as relações sociedade e ambiente. Na primeira parte do texto será discutido o conceito de subjetividade e na segunda parte sua aplicação ao fenômeno ecológico, introduzindo aí a noção de sujeito ecológico.

Para efeito de uma definição inicial dos termos utilizados, chamo atenção para uma diferenciação entre sujeito e indivíduo, comum a vários campos como a psicanálise e a filosofia. *Sujeito* diz respeito ao locus da subjetividade e remete a uma estrutura, posição, lugar de ser. *Indivíduo* ou *pessoa*¹, tal como menciono aqui descreve a unidade empírica, a experiência ou vivência singular, um modo de ser particularmente expresso por uma pessoa. Evidentemente os conceitos estão relacionados e podemos dizer que os indivíduos participam e são também sujeitos na medida em que produzem e são produzidos pelas subjetividades existentes, isto é, adotam posições subjetivas e vivenciam modos de ser que circulam em seu horizonte de identificações. *Subjetividade* designa um modo de ser estar no mundo que resultará em estilos de vida e valores adotados por indivíduos e grupos sociais nas suas relações com os outros humanos e não-humanos. *Sujeito ecológico* (CARVALHO, 2002, 2004) é um conceito que demarca aqueles aspectos do sujeito que são orientados por valores ecológicos. O sujeito ecológico é incorporado pelos indivíduos ou pessoas que adotam uma orientação ecológica em suas vidas.

¹ adotaremos aqui a equivalência das noções de indivíduo e pessoa, tal como se usa na Psicologia de um modo geral, em contraposição a diferenciação que existe na Antropologia entre estes dois termos, particularmente em DUMONT (1985), que associa indivíduo à sociedade moderna e ocidental e pessoa às sociedades holistas e hierárquicas.

Subjetividade: modo de ser no mundo

A palavra subjetividade pode ter varias conotações. No senso comum, muitas vezes se atribui a uma opinião ou a um juízo a qualidade de ser “subjetivo/a”. Nesta acepção, em geral, a qualidade de ser *subjetivo* carrega algo de negativo e é usada como sinônimo de vago, impreciso ou então muito pessoal. Implicitamente esta atribuição traz a comparação com algo que seria seu oposto, ou seja, um juízo, opinião ou avaliação “objetivo/a”, portador de um sentido mais positivo. Não vou entrar na discussão sobre os pré-conceitos da sociedade ocidental moderna e de sua ideologia objetivista reproduzidos neste exemplo do senso comum. Contudo, chamo atenção para as atribuições de valor desta ideologia que trata como positivo, controlável e desejável, a “incontestável” objetividade e como negativo, incontrolável e indesejável as inconstâncias do “subjetivo”.

No campo da psicologia, sujeito e subjetividade não são meras palavras, mas conceitos, um constructos teóricos que ganha diferentes acepções segundo estejam sendo acionados pela psicologia sócio-histórica, pela psicanálise ou outra abordagem em psicologia (ELIA, 2004; MOLON, 2003; PLASTINO, 2002; SAWAIA, 2002; FIGUEIREDO, 1999) Contudo, isso ainda não resolve sua polissemia ente os psicólogos. Dependendo da tradição da psicologia ele ganhara um sentido diferente. Assim, um dos usos do conceito de subjetividade é como sinônimo de identidade, interioridade, individualidade, ego, personalidade, integrando a família dos conceitos que buscam nomear e descrever a esfera da vida psíquica entendida como aquela vida íntima que se distingue da existência social de um indivíduo. Já para outras abordagens como a psicologia cultural, bem como a psicologia sócio-histórica, a subjetividade é um conceito que supõe a produção de um sujeito ao mesmo tempo social e psíquico, cuja identidade é como espaço de permanente auto construção e negociação com o mundo.

O conceito de subjetividade aqui proposto, desta forma, se afasta tanto da subjetividade tal como é entendida no senso comum, tanto quanto da noção de subjetividade relacionada exclusivamente a *vida interior*. A escolha aqui é pela superação das dicotomias indivíduo-sociedade, interior – exterior, psíquico-social. Estas dicotomias tem confinado a psicologia a uma clínica do indivíduo, em um dialogo muito pobre com os desafios mais prementes da sociedade em que vivemos. Ao mesmo tempo, esta divisão tem lançado a sociologia em especulações macrossociais que pouco se beneficiam do conhecimento sobre como os sujeitos incorporam as suas condições

sociais de existência e como a dimensão psicossocial participa nos processos de mudança social.

A busca de superação destas dicotomias que constituem a divisão disciplinar de nossas áreas do conhecimento, remete inevitavelmente para a interdisciplinaridade. Por isso trata-se de falar desde uma psicologia – afinal interdisciplinaridade não é a dissolução das disciplinas -- mas de uma psicologia em dialogo com outras áreas do saber, particularmente dentro das humanidades². Com isto, rompe-se com uma psicologia essencialista que supõe uma esfera da vida pré-social ou pré-cultural que interage sem se confundir com a esfera social e cultural. Parece-nos mais produtivo pensar o fenômeno humano como desde sempre localizado no mundo, num ambiente cultural e histórico. Assim, quando se torna possível ver o mundo abandonando as dicotomias, vislumbra-se o sujeito humano e os fatos sociais como um fenômeno simultaneamente social e individual, subjetivo e objetivo, psíquico e biológico, cultural e natural. Neste sentido, tomando o humano como um ser no mundo, a vida pessoal não pode mais ser tomada apenas um acontecimento particular, mas é desde sempre, constituída pelos elementos culturais e pela historicidade.

A noção de sujeito ecológico

Considerando que a subjetividade é um modo de ser no mundo, a noção de sujeito ecológico, esta relacionada ao um modo específico de ser no mundo, em outras palavras, a um "estilo ecológico de ser". Dado o caráter plural da produção de *subjetividades*, o que resulta nos diferentes estilos de vida, a noção de *sujeito ecológico* demarca aquela subjetividade caracterizada pela orientação ecológica. O sujeito ecológico designa um ideal ecológico, uma utopia pessoal e social norteadora das decisões e estilos de vida dos que adotam, em alguma medida, uma orientação ecológica em suas vidas.

Como ocorre com outros ideais que os indivíduos tomam como modelo para si, nem sempre é possível realiza-los cem por cento na vida diária. Assim também ocorre com o ideal sinalizado pela noção de sujeito ecológico. Mas, o importante é observar

² Neste sentido, destacam-se as relevantes discussões da antropologia psicológica (Psychological Anthropology), uma área de confluência entre a psicologia e a antropologia, particularmente forte na tradição norte americana da antropologia cultural.

que, na medida em que pessoas tentam viver de acordo com ideais ecológicos aí se encontra vigente o sujeito ecológico como modelo de identificação. Este *tentar ser*, certamente esbarra em vários obstáculos. Alguns deles são provenientes do fato de que a sociedade ainda não é tão ecológica e nem sempre estimula, através de políticas públicas, um estilo de vida ecológico (ausência de coleta seletiva, poucas alternativas de transporte público, poucas redes de alimentação orgânica, pequena produção agroecológica etc.). Outros obstáculos são derivados das contradições dos ideais de que as pessoas são portadoras. Podemos pensar, por exemplo na valorização da rapidez, da velocidade de resposta, e de ação, virtudes associadas a eficiência e a produtividade no trabalho, inclusive no trabalho social e na militância. Este valor, muito freqüentemente pode reforçar a opção pelo transporte individual e conflitará com opções mais ecológicas como a de ir a pé, de bicicleta ou de transporte público todos os dias para o trabalho.

Do mesmo modo, a liberação da mulher dos trabalhos domésticos oportunizada pelo uso intensivo de tecnologias poupadoras de tempo também pode conflitar com os ideais ecológicos de menor dependência de tecnologias intensivas em energia e a valorização de uma certa auto-suficiência que se traduz nas idéias de vida simples, nos apelos do "faça você mesmo seu jardim, sua composteira, sua comida, etc.". O que pretendo destacar é que, mesmo para quem se identifica com a proposta ecológica, há uma permanente negociação intrapessoal, interpessoal e política em torno das decisões do dia a dia. Neste sentido a busca por ser um sujeito ecológico não isenta as pessoas das contradições, conflitos e negociações.

E, por fim, é preciso considerar que há também, na sociedade, pessoas e grupos que absolutamente não se identificam com os apelos de uma existência ecológica. Para estes os idéias preconizados pelo sujeito ecológico podem ser vistos como ingênuos, anacrônicos, pouco práticos, malucos, enfim, de alguma forma não reconhecidos como norteadores do que consideram uma vida desejável.

O sujeito ecológico e o educador ambiental

Dentro dos grupos sociais que se identificam com os ideais ecológicos vamos encontrar muitos dos profissionais ambientais e, dentre estes, o educador ambiental. O educador ambiental, ao mesmo tempo que está imbuído de uma subjetividade ecológica

é um ativo produtor desta subjetividade, na medida que forma pessoas para uma vida ecologicamente orientada.

O educador ambiental, dessa forma, promove o projeto identitário do sujeito ecológico. O contexto que situa e torna possível o sujeito ecológico é a constituição de um universo narrativo específico, que se configura material e simbolicamente como um campo de relações sociais em torno da preocupação ecológica (BOURDIEU,1989)³. Neste sentido, a noção de sujeito ecológico pode também ser considerada como uma espécie de sub texto presente na narrativa ambiental contemporânea, configurando o horizonte simbólico do profissional ambiental de modo geral e, particularmente, do educador ambiental. Neste jogo, constitutivo do campo ambiental de modo geral e da educação ambiental em particular, evidencia-se o educador ambiental como sendo, ao mesmo tempo, um intérprete de seu campo e um sujeito ele mesmo "interpretado" pela narrativa ambiental; alguém identificado com o sujeito ecológico como ideal de ser e formador deste mesmo ideal na sua ação educativa.

Ao tentar alinhar seus posicionamentos políticos, opções individuais e atitudes pessoais e interpessoais com os ideais de um *sujeito ecológico*, o educador ambiental assume o desejo e o compromisso de uma certa consonância entre sua vida e sua causa, tornando sua vida pessoal uma espécie de laboratório de aprendizagem da sociedade ideal. O interessante é verificar como se tornam porosas, neste caso, as fronteiras entre a intimidade e a vida pública, a dimensão pessoal e a política. Ao que parece, este sacerdócio ou casamento com a "utopia ecológica", parece ser, no caso dos profissionais ambientais, uma das condições de ingresso e reconhecimento no campo, com os custos e as gratificações que isso traz.

Referências

³ A noção de *campo ambiental* circunscreve um conjunto de relações sociais, sentidos e experiências que configuram um universo social particular. Conforme Bourdieu (1989), o campo social evoca um espaço relativamente autônomo de relações sociais historicamente situadas, que produz um conjunto de valores, uma ética, traços identitários de um sujeito ideal, naturaliza certos modos de ver e se comportar que põem em ação as regras do jogo do campo. Enquanto um espaço estruturado e estruturante, o campo ambiental inclui uma série de práticas e políticas pedagógicas, religiosas e culturais, que se organizam de forma mais ou menos instituídas, seja no âmbito do poder público, seja na esfera da organização coletiva dos grupos, associações ou movimentos da sociedade civil; reúne e forma um corpo de militantes, profissionais e especialistas; formula conceitos e adquire visibilidade através de um circuito de publicações, eventos, documentos e posições sobre os temas ambientais.

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Editora Difel, coleção Memória e Sociedade, 1989.
- CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- _____. Ambientalismo e juventude. In: NOVAES, R E VANUCCI, P. **Juventude e sociedade**. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2004
- _____. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo, Editora Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação)
- DUMONT, L. **O individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004
- FIGUEIREDO, L. C. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação 1500-1900. São Paulo, 4^a. ed. Escuta/ Educ. 1999
- MOLON, S. ***Subjetividade e Constituição do sujeito em Vygotsky***. Petrópolis, Vozes, 2003
- PLASTINO. C. A **Dependência, subjetividade e narcisismo na sociedade contemporânea**. In: PLASTINO, C. A (org) **Transgressões**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2002.
- SAWAIA, B. Participação social e subjetividade. In: SORRENTINO, M., **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: Educ/ Fapesp, 2002